



AVALIAÇÃO ADAPTADA NA PERCEPÇÃO DO ALUNO SURDO

Fabiana Araújo Sousa (1); Joaquina Maria Portela Cunha Melo (1)

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, fabiana@ifpi.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, joaquinacunha@ifpi.edu.br

Resumo: Este estudo é parte de uma pesquisa sobre as práticas avaliativas adaptadas aos alunos surdos, que tem como objetivo investigar as percepções dos alunos surdos sobre os recursos utilizados na elaboração de avaliações adaptadas e analisar as principais dificuldades dos alunos surdos no processo avaliativo. Metodologicamente, utilizou-se a pesquisa qualitativa, e como instrumento de coleta de dados um questionário com perguntas abertas, aplicado a quatro alunos surdos, que estudam no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI. Resultados preliminares indicam que os alunos surdos reconhecem uma avaliação adaptada e realizam algumas. No entanto, na concepção dos alunos surdos, o processo avaliativo adequado para eles ainda precisa da sensibilidade dos educadores e gestores.

1 Introdução

A quantidade de alunos com deficiência auditiva e surdez cresce nas escolas regulares, e com isto surgem problemas de adequação institucional para atender as particularidades de ensino e aprendizagem desse público, pois esses alunos na maioria das vezes utilizam a Língua Brasileira de Sinais como meio de comunicação e expressão, reconhecida pela lei 10.436/2002. E neste processo educacional dos alunos surdos das escolas regulares, um dos impasses é o processo avaliativo, onde predomina nos seus instrumentos a Língua Portuguesa. Isto dificulta a compreensão no momento de realizar a avaliação, que poderá interferir no aproveitamento satisfatório dos alunos surdos.

Corroborando com essas ideias Stumpf (2008, p. 20) ressalta que:

o resultado das avaliações é importante como aferição de aprendizagem e elas mostram, em geral, um mau desempenho. Acontece que os alunos surdos continuam sendo avaliados como se fossem ouvintes e tivessem o domínio do Português.

Nesse contexto, este estudo justifica-se porque as práticas avaliativas dos alunos surdos, em instituições de ensino regular, precisa de olhares e reflexões de toda a comunidade educacional para que não ocorra exclusão no processo de ensino e aprendizagem.

Vale lembrar que as literaturas bibliográficas ainda não trazem um caminho correto a ser seguido, mas o decreto nº5626/2005 no capítulo IV inciso VI deixa claro os meios que possam ser usados como critérios nas avaliações dos surdos, quando se refere:



adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa.

De tal modo, considerar as particularidades lingüísticas dos surdos nas práticas avaliativas é necessário para que ocorra a efetivação da aprendizagem desses alunos.

Todavia, o decreto nº5626/2005 no capítulo IV, inciso VII salienta que as instituições devem “desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos”, ou seja, o inciso oferece um leque de opções para fazer uma avaliação adaptada.

Além das recomendações já citadas no decreto a lei nº 9.394/2006 capítulo III secção I reforça que a avaliação é um processo contínuo em que os aspectos qualitativos são mais relevantes que os quantitativos, dentro desta concepção tudo que é construído no cotidiano escolar representaria o desenvolvimento da aprendizagem do aluno do surdo a se considerado para o resultado final.

Portanto, vale ressaltar o quanto é difícil para o professor fazer avaliações para alunos surdos, tendo em vista que alguns nem conhecem as particularidades desse público.

Segundo a cartilha Saberes e Práticas da Inclusão produzida pela Secretaria de Educação Especial (2006, p.23):

Tanto, que a presença de alunos com deficiências em turmas regulares faz com que muitos professores, dentre outras inquietações que o trabalho com esses educandos lhes acarretam, manifestem as dificuldades que sentem em “dar provas”, corrigi-las e atribuir notas, usando os mesmos critérios que são usados para os “outros” ditos normais.

Desse modo, percebe-se que o professor enfrenta diversas dificuldades ao avaliar o aluno surdo, pois ele não conhece as particularidades da deficiência e os impactos na vida educacional desses discentes. Assim, torna-se confuso para o docente adaptar os instrumentos avaliativos.

Diante desse pressuposto, têm-se os seguintes objetivos: investigar as percepções dos alunos surdos sobre os recursos utilizados na elaboração de avaliações adaptadas e analisar as principais dificuldades dos alunos surdos no processo avaliativo.

2 Metodologia

Neste estudo usou-se a pesquisa qualitativa partindo-se do pressuposto de que “estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais”, como argumenta Richardson (1999, p. 80).

Assim, a pesquisa qualitativa tem o próprio espaço como fonte de coleta de informações, onde o investigador poderá interpretá-las a partir das experiências e estudos, pois estará em contato direto com o objeto pesquisado.

Para Prodanov e Freitas (2013, p. 59) em um segundo momento da pesquisa é “determinamos as técnicas que serão empregadas na coleta de dados e na definição da amostra, que deverá ser representativa e suficiente para apoiar as conclusões”. Para tanto, este estudo usou como instrumento de coleta de dados o questionário com perguntas abertas.

Segundo Appolinário (2012, p.140) o questionário “é um documento contendo uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas pelos sujeitos por escrito, geralmente sem a presença do pesquisador”. Desta maneira, este instrumento deverá conter perguntas claras e objetivas, bem como ter uma estrutura organizada para que os participantes do estudo possam compreender e não tenham dúvidas no momento de responder.

Esse questionário foi aplicado com o auxílio de um interprete de Libras, a quatro alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – IFPI.

3 Discussão e Resultado

As informações obtidas por meio do questionário foram organizadas em dois eixos de análise, o segundo com subtópicos:

1. Perfil dos sujeitos participantes.
2. O olhar dos alunos surdos para as práticas avaliativas.
 - a) Percepção dos alunos sobre avaliação adaptada.
 - b) Principais dificuldades dos alunos surdos no processo avaliativo.

Inicia-se o primeiro eixo abordando o perfil dos sujeitos participantes desta pesquisa, que para melhor compreensão, elaborou-se o quadro a seguir:

CONDINOME	SEXO	IDADE	CURSO	PERIODO DO CURSO
Rosa	Feminino	23	Ensino médio integrado em Administração	1ª
Margarida	Feminino	19	Ensino médio integrado em Contabilidade	2º
Tulipa	Feminino	18	Ensino médio integrado em	3º



Lírio	Feminino	19	Contabilidade Ensino médio integrado em Contabilidade	4º
-------	----------	----	--	----

Fonte: pesquisa das autoras

Observou-se que os sujeitos da pesquisa têm idades aproximadas entre 18 a 23 anos, e fizeram a opção por cursos do eixo tecnológico Gestão e Negócios.

No segundo eixo de análise tem por objetivo verificar se os alunos surdos reconhecer uma avaliação adaptada e compreender as percepções dos alunos surdos no processo avaliativo. Os tópicos que se encontram nesse eixo, focam: Percepção dos alunos sobre avaliação adaptada e principais dificuldades dos alunos surdos no processo avaliativo.

O primeiro questionamento teve como intuito de saber se as alunas sabem o que é uma avaliação adaptada e quais recursos é utilizado nesse tipo de avaliação.

As alunas Rosa e Lírio consideram como sendo provas simples, com perguntas diretas e múltipla escolha, bem como utilizando vídeos e imagens. Já aluna Margarida acredita que avaliação adaptada é aquela com textos resumidos, vocabulário simples e fórmula. Enquanto a aluna Tulipa apenas confirmou que conhecia e não citou nenhum recurso.

O segundo questionamento queria saber se as alunas já realizaram alguma prova adaptada e em quais disciplinas?

Para essa pergunta todas as alunas responderam que já havia realizado provas adaptadas. Porém, em disciplinas distintas. Rosa realizou prova adaptada em Inglês e Ecoeficiência; Margarida em matemática; Tulipa fez em Inglês e Português e a aluna Lírio Sociologia e Português.

A terceira pergunta desse eixo solicita a opinião das alunas sobre o que pode ser aperfeiçoado na prática avaliativa para os surdos?

A aluna Rosa respondeu que se deve evitar provas extensas. A Margarida salientou “o professor precisa estar mais presente e verificar as dificuldades do aluno surdo para melhor avaliar”.

Sartoretto (2010, p. 02) afirma “Por isso, quando apenas avaliamos o produto e desconsideramos o processo vivido pelos alunos para chegar ao resultado final realizamos um corte totalmente artificial no processo de aprendizagem”. Diante disto, é essencial ao professor conhecer a realidade do aluno, suas dificuldades e até mesmo a história de vida para não resumir o processo avaliativo a um instrumento.



Tulipa salientou que as perguntas deveriam ser mais simples e claras. A aluna Lírio respondeu “é muito complexo adaptar provas para os surdos, porque tem alunos com dificuldades diferentes”, esta ainda ressaltou “cada surdo tem sua identidade, o professor precisa saber de onde o aluno vem, sua história, base familiar”.

Neste tópico visa compreender as dificuldades dos alunos surdos, segundo sua percepção. Questionou-se aos alunos: Quais suas principais dificuldades no processo avaliativo?

A aluna Rosa tem dificuldades de entender a língua portuguesa, bem como as provas muito extensas e também com questões dissertativas ou memorização de conceitos. A Margarida apresentou que sua dificuldade é o vocabulário das questões, pois na maioria das vezes não está adaptada para o surdo. Tulipa advertiu que sua dificuldade é fazer a leitura de textos extensos. Enquanto, a aluna Lírio ressaltou que suas dificuldades são a falta de tempo para dúvidas, exemplos, significado de palavras, além da impossibilidade de interpretar as perguntas.

Percebeu-se que as alunas Rosa e Tulipa têm dificuldade em língua portuguesa, que consequentemente interfere no entendimento dos textos e no momento de responder as questões de uma avaliação. Em relação a isto a autora Gesueli (2015) argumenta que os surdos usam a Libras e vivem imersos em uma experiência visual, o que reflete na leitura e no processo de escrita desses alunos. Assim, em alguns o momento os alunos surdos tem dificuldades de fazer a relação entre a Libras e a Língua Portuguesa.

4 Algumas considerações

O olhar sobre o processo avaliativo na instituição pesquisada merece reflexões que poderão ser discutidas a partir dos primeiros passos desta pesquisa.

Percebeu-se que os sujeitos da pesquisa reconhecem algumas características de uma avaliação adaptada para surdos: vocabulário contextualizado, utilização de imagens, vídeos, questões de múltipla escolha.

Todavia os alunos não expressaram nas suas respostas a presença do intérprete de Libras, como um suporte de acessibilidade para a interpretação da avaliação de aprendizagem, apesar desse profissional acompanhá-los no cotidiano escolar.

Verificou-se que, na percepção dos alunos surdos, a principal dificuldade no processo avaliativo é a leitura e interpretação de textos. Estes alunos ainda ressaltaram que, há pouca sensibilidade dos educadores e gestores em compreender suas particularidades no processo de



ensino e aprendizagem. De tal modo, observou-se a prática de avaliação adaptada ainda não é aplicada de maneira expressiva no IFPI.

Referencias

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática da pesquisa. 2 ed. rev. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

BRASIL. **Saberes de Prática da Inclusão**: avaliação para identificação das necessidades educacionais especiais. [2. ed.] / coordenação geral SEESP/MEC. - Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRASIL. **Lei 10.426**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial, DF. 24 de dezembro de 2005. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm.

BRASIL. **Decreto 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial, DF. 22 de dezembro de 2005. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm.

GESUELI, Zilda Maria. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas de alunos surdos. In: LODI, Ana Claudia Balieiro. **Leitura e escrita no contexto da diversidade**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2015.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

QUADROS, R. M. **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2008.

SANTORETTO, Mara Lúcia. **Como avaliar o aluno com deficiência?** Disponível em: assistiva.com.br. Acesso em: 13 de out. 2016.